17/10/2018 11:23 - "É a liberdade que está em jogo", diz Haddad na CUT

Os dez dias que faltam para o segundo turno da eleição são uma eternidade e ainda dá tempo de "afastar o fantasma que assombra a democracia" brasileira, disse o candidato do PT à Presidência da República, Fernando Haddad, na plenária dos movimentos sindical e sociais ligados às frentes Brasil Popular e Povo Sem Medo, que reúne entidades como MTST, MST, CMP, UNE, CUT, CTB e Intersindical realizada nesta terça-feira (16), na sede da CUT, em São Paulo.

"Temos em torno de 40 milhões de pessoas fora dessa porta aqui que querem votar na gente. Nós precisamos ampliar mais 10 milhões para ganhar a eleição. Nós já temos 40 milhões e mesmo que estivéssemos sozinhos, só entre nós, essa luta valeria a pena, porque a causa é muito nobre, a causa é muito justa", disse Haddad para aplausos dos participantes da plenária que reuniu muito mais pessoas do que os responsáveis pela atividade poderiam imaginar.

O auditório lotou. Não cabia mais ninguém, nem mesmo em pé. O local teve de ser alterado de última hora e a opção foi transferir a plenária para o saguão do prédio onde fica a sede da CUT, no bairro do Brás. Mesmo assim, o povo teve de ocupar a rua em frente à Central. Era muita gente reunida, todos preocupados com o futuro do Brasil e dos brasileiros.

> É a causa da nossa vida. É a liberdade que está em jogo, é a democracia que está em jogo, é a dignidade humana que está em jogo, é o futuro das próximas gerações - Fernando Haddad

Jovens, lideranças comunitárias, dirigentes sindicais, aposentados e trabalhadores de diversas categorias, apreensivos com o momento político pelo qual atravessa o Brasil, se reuniram para dizer ao Haddad: "estamos juntos, continuamos mobilizados em defesa da democracia e intensificaremos a luta nessa reta final nas ruas, de porta em porta, no corpo a corpo".

"Estamos aqui para reafirmar o nosso compromisso com a democracia, intensificar a campanha de rua e ganhar essa eleição", afirmou o presidente da CUT, Vagner Freitas, que disse ser uma alegria para a Central ser anfitriã da 'companheirada' de luta.

Segundo Vagner, não é hora de se abalar com pesquisas eleitorais e o jogo baixo da candidatura de extrema direita representada por Jair Bolsonaro (PSL), que foge dos debates e vive de mentiras no submundo das redes sociais.

"O momento é de intensificar daqui até o dia 28 a nossa presença nas ruas, favelas, periferias, locais de trabalho e todo lugar onde o povo está. Estamos habituados a defender a classe trabalhadora e a democracia. Nascemos fazendo isso e não será diferente agora", ressaltou o presidente da CUT.

Haddad agradeceu a CUT por estar sempre disponível nos momentos críticos da história do País e também a militância presente pela disposição de luta. Mas, em sua fala, fez questão de destacar dois agradecimentos: o apoio da vice de sua chapa, Manuela d'Ávila, e de Guilherme Boulos, candidato à presidência pelo PSOL.

"Quando Lula, em São Bernardo do Campo, se despedia de nós em um momento dramático da vida nacional, ele levantou a mão de Boulos e da Manuela e falou que estava diante do futuro do Brasil. E em muito pouco tempo vocês dois demonstraram a estatura que têm para liderar o processo histórico da esquerda brasileira", disse aos dois presentes na atividade.

Para Haddad, a firmeza de posicionamento de ambos, que se equipara a lideranças como Miguel Arraes, Leonel Brizola e Mario Covas, "que não titubearam em se posicionar em 1989 diante da ameaça imposta pelo outro projeto", é fundamental para que o Brasil não volte aos tempos sombrios representados pela candidatura de Jair Bolsonaro (PSL).

"O significado de a elite apoiar incondicionalmente uma figura como Bolsonaro quer dizer que ela está disposta a tudo para evitar que o projeto que representa o povo e a classe trabalhadora volte a governar esse país".

Mas, continuou Haddad, quem está aqui não pode desanimar diante das dificuldades e das pesquisas eleitorais. "Se fosse assim, eu não teria ganhado do Serra em 2012 e nem a Dilma do Aécio em 2014. Quando eu ganhei em 2012, não apareci na frente em nenhuma pesquisa eleitoral. Em 2014, eles já estavam abrindo a champagne para comemorar uma vitória que não aconteceu", disse se referindo a eleição da ex-presidenta Dilma Rousseff, com mais de 54 milhões de votos.

Virar o jogo nas ruas

Todas as lideranças presentes fizeram questão de destacar que o momento é de virar essa eleição nas ruas, no debate corpo a corpo com o povo, pois, segundo eles, é o futuro da democracia, os direitos da classe trabalhadora que estão em jogo.

“Em um momento como esse, importante e delicado para a história do Brasil, não é hora de ficar em cima do muro ou com ressentimento político. É a defesa da democracia contra um projeto autoritário, ditatorial, que ataca os pobres, os negros, as minorias”, enfatizou Guilherme Boulos.

“Temos mais de 10 dias para construir a virada e desmistificar para o povo quem é Jair Bolsonaro. Ele diz que defende a segurança pública, mas apoia publicamente milícias no Rio de Janeiro. Esse é o Bolsonaro que precisamos mostrar ao povo.”

A presidenta do PT, senadora Gleisi Hoffmann, também destacou o momento crucial pelo qual passa a jovem democracia brasileira e conclamou a militância a lutar contra a máquina de mentiras e o jogo “sórdido” dos adversários.

“Em 1988, defendemos uma democracia completa para o povo, com direitos, além das liberdades democráticas. Defendemos o direito básico e sagrado na vida de uma pessoa, que é o direito a comida, trabalho, educação. E é isso o que está em jogo e precisamos defender”.

"Não vamos esmorecer. É na luta que nascemos e é por ela que estamos aqui. É a causa do povo que nos faz ficar em pé", disse Gleisi.

Já o presidente do PSOL, Juliano Medeiros, afirmou que a plenária é uma marca da virada rumo à vitória, apesar das propagações das mentiras e da intensificação do ódio e da intolerância por parte dos apoiadores de Bolsonaro. “Eles são o autoritarismo e a ditadura no Brasil. Vamos barrar essa ameaça com o nosso povo na rua, que é o que nós sabemos fazer”.

O vice-presidente do PC do B, Walter Sorrentino, também fez coro à resistência nas ruas e conclamou a militância a não baixar a cabeça. “Nós não vamos baixar a cabeça, ficar na defensiva. Nós temos os argumentos e, como diria Lula, sabemos o que precisa ser feito até o último dia, até o último minuto”.

Para o secretário-geral da Intersindical, Índio Carneiro, não há dúvidas de que, “se fizermos o diálogo certo com o povo, vamos ganhar essa eleição”. Segundo ele, o Bolsonaro votou contra todas as medidas favoráveis ao povo e isso precisa ficar muito claro à população para que ele seja barrado nas urnas.

“Se dependesse de Bolsonaro, o salário mínimo hoje seria de R$ 500, pois ele votou contra a política de valorização do salário mínimo”, disse Índio, que concluiu: “a classe trabalhadora precisa saber disso”.

Fonte: CUT

Notícias RO